

RESENHA:

DINIZ, E. **Política internacional:** guia de estudo das abordagens realista e da balança de poder. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas. 2007. 148 p. (Coleção Estudos em Relações Internacionais).

José Renato Ferraz da Silveira   

Resumo

A presente resenha acerca da obra *Política internacional: guia de estudo das abordagens realista e da balança de poder* apresenta a visão realista e suas variantes, autores, principais ideias, críticas e obras referenciais da distinta abordagem realista.

Palavras-chave: política internacional; relações internacionais; Brasil.

Abstract

This review of the book International Politics: a study guide to realistic approaches and the balance of power presents the realistic view and its variants, authors, main ideas, critiques and reference works of the notable realistic approach.

Keywords: international politics; international relations; Brazil.

1 SOBRE O AUTOR

Eugenio Pacelli Lazzarotti Diniz Costa é um dos principais autores e referências no Brasil em estudos de Segurança, Política de Defesa, Estudos Estratégicos e Teoria da Guerra. Sua produção acadêmica portentosa tem alcance nacional e internacional. É bolsista de produtividade 1-C do CNPq e foi Presidente da Associação Brasileira de Relações Internacionais.

O professor Diniz participou das atividades de discussão do Livro Branco de Defesa Nacional. Ele participou das discussões da Política Nacional de Defesa para o quadriênio 2020-2024. Possui uma produção profícua na área de Defesa e Estudos Estratégicos. Como diz Rafael Duarte Villa: “uma das cabeças mais sólidas do pensamento realista brasileiro” (Diniz, 2007, p. 7).

2 SOBRE A OBRA

A obra do prof. Eugenio Diniz, “Política internacional: guia de estudo das abordagens realista e da balança de poder”, postula ser um opúsculo na área de Relações Internacionais, ao



tratar de uma das principais abordagens teóricas e analíticas da literatura desse campo epistêmico: o realismo e as suas variantes. Postula. Na realidade, cumpre rigorosamente essa tarefa precípua da Coleção Fundamentos das Relações Internacionais, editada pelo autor do presente livro e do Departamento de Relações Internacionais da PUC-MG (Minas Gerais).

O livro desconta através de um voo panorâmico as principais variantes da escola realista – realismo clássico, realismo estrutural, realismo ofensivo – a discussão sobre a unipolaridade e questões controversas que envolvem teoria de política internacional versus teoria de política externa, os pressupostos de racionalidade e unidade e o papel das instituições internacionais.

Além disso, Diniz apresenta sugestões de leitura aos ingressantes nos estágios iniciais do curso de Relações Internacionais. Embora os autores e as obras mencionadas façam parte de um rol extraordinário do pensamento realista. É inegável que Diniz se “apropria” das principais abordagens e autores da citada teoria. As referências são clássicas e obras que estimulam e ultrapassam o contexto histórico de vida da obra e dos seus respectivos autores.

É um livro que merece e exige a leitura de graduandos, graduados, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores. Ou seja, guia indispensável como estímulo a reflexão e a produção acadêmica nos seus mais diversos estágios de graduação e pós-graduação.

2.1 DENTRO DA OBRA

A obra está dividida: numa breve **apresentação** (p.7-9) do professor Dr. Rafael Duarte Villa; **prefácio** (p. 11-14) do próprio autor; a **introdução** (p. 15-27) intitulada **O dilema da segurança e a balança de poder**; o capítulo 1 (p.28-41) intitulado **O realismo clássico de Hans J. Morgenthau**; o capítulo 2 (p. 42-77) intitulado **O realismo estrutural de Kenneth N. Waltz**; o capítulo 3 (p.78-99) intitulado **O realismo ofensivo de John J. Mearsheimer**; o capítulo 4 (p. 100-116) intitulado **A discussão da unipolaridade**; o capítulo 5 (p.117-133) intitulado **questões controversas**; uma **brevíssima conclusão** (p. 134-137) e sugestões de leituras acerca do desenvolvimento da disciplina e das ideias em Relações Internacionais, sobre Morgenthau, Waltz, Mearsheimer e a unipolaridade.

a) Na breve apresentação (p. 7-9) do professor Dr. Rafael Duarte Villa

Villa aponta que uma das maiores virtudes como intelectual (em relação ao autor da obra) é ter tido continuidade nas suas convicções realistas sem deixar de acompanhar outras vertentes de pensamento das Relações Internacionais que se fortaleceram ao longo das últimas duas décadas. Villa reforça que a escolha de Diniz por tratar de Clausewitz, na tese de doutoramento, o projetou como “uma das cabeças mais sólidas do pensamento realista brasileiro” (Diniz, 2007, p. 7).

Por fim, Villa aponta que o livro possui muitas qualidades como um livro de iniciação numa disciplina fundamental das Relações Internacionais que é Teoria das Relações Internacionais (tratando do Realismo).

Em primeiro lugar, trata-se de uma Guia para o estudo do Realismo muito bem concebido quanto ao roteiro de tendências e autores selecionados. Em segundo lugar, o Guia explora com competência e precisão alguns debates já clássicos, como os de John Herz e Hans Morgenthau, mas sem deixar de nos trazer uma excelente revisão das agendas contemporâneas do Realismo, tais como aquelas relacionadas com o debate entre realistas defensivos e ofensivos, e como aquelas relacionadas com o impacto das configurações de poder, ou com as balanças de poder bipolar ou multipolar, num mundo internacional assumido como anárquico pelo Realismo. E em terceiro lugar, o Guia do Realismo do Eugenio mostra que é possível dizer uma palavra a mais sobre o Realismo. Isso fica bastante claro quando o autor coloca o debate além das premissas endógenas realistas, para localizá-lo no quadro da produção acadêmica atual que examina as teses sobre a natureza e perdurabilidade, ou ruptura, do que alguns autores têm chamado de ordem unipolar contemporânea, ou quando examina as controvérsias entre teoria das Relações Internacionais e a política externa, ou entre Realismo e institucionalismo (Diniz, 2007, p. 8).

b) Prefácio do próprio autor (p. 11-14)

Diniz prefacia a sua própria obra e afirma em tom categórico que a ideia de guia de estudos que inspirou o Curso de Relações Internacionais da PUC-MG a produzir alguns guias foi da sua obra escrita - “muito interessante” (Diniz, 2007, p. 11) - em coautoria com Proença Júnior e Raza no *Guia de estudos de estratégia* (1999).

De modo didático, Diniz ilustra qual o objetivo de um guia de estudos traçando um paralelo com um guia de viagens. Ele reforça que o guia não substitui a viagem. O objetivo de um guia é facilitar, viabilizar. E reforça, num tom irônico, que alguém que compra um guia de viagem sem ter conhecido – de fato – o lugar é um “farsante” ou um “tagarela”. Dessa forma, Diniz associa o guia turístico ao guia de estudo. Ambos possuem a mesma função para o turista e o estudante.

Assim, como num guia turístico, um guia de estudo jamais poderá substituir a dedicação e o empenho do estudante (o turista) em compreender o assunto proposto que só na medida em que se debruçar sobre os textos originais (só ao fazer viagem) poderá ser considerado um bom estudante (como o turista mencionado acima). Do contrário, conhecerá apenas o que o autor do guia de estudos acha mais importante, segundo sua interpretação e preconceitos. Em suma, não será um estudioso, mas um charlatão. O livro Política internacional: guia de estudo das abordagens realista pretende orientar o leitor no estudo das abordagens realistas contemporâneas da política internacional. Nesse sentido, é uma ferramenta de auxílio ao estudo, e não um manual. Espera-se que, a partir de sua leitura, o estudioso seja motivado a aprofundar seu conhecimento pelo recurso às leituras originais. Nossa propósito, aqui, como já dito, é apenas o de orientá-lo nessa viagem (2007, p. 12).

c) A introdução (p. 15-27) intitulada O dilema da segurança e a balança de poder

Diniz – inicia a introdução – mencionando o artigo de John Herz que foi publicado em 1950. Neste artigo, Herz problematiza a questão do “dilema de segurança”. Diniz evoca Thomaz Hobbes para mostrar que o Estado de Natureza possui semelhança com a política internacional. Mas o que se percebe na história das Relações Internacionais e nos marcos do Realismo Político é a explicação típica da balança de poder. Ideia antiga e que se remonta a Tucídides em seu livro a História da Guerra do Peloponeso passando por David Hume.

Diniz enfatiza que “tanto por razões de clareza quanto de espaço, é preciso ter critérios de inclusão e de exclusão: por que alguns autores serão incluídos e outros não, por que determinados aspectos de cada obra serão destacados etc” (Diniz, 2007, p. 17).

O primeiro critério de inclusão e de exclusão é, portanto, o foco na balança de poder. Não serão incluídos autores que não destaquem a dinâmica de balança de poder, e, em cada obra examinada, o foco recairá sobre a dinâmica da balança de poder, ainda que os autores e obras em questão discutam outras questões além dela. Contudo, adotar como critério de inclusão e exclusão o foco na balança de poder ainda é insuficiente, pois isso nos deixaria com uma quantidade muito grande de autores, alguns com diferenças significativas entre si, e outros com diferenças muito menos significativas. Desse modo, adotaremos um segundo critério de inclusão e exclusão, que é o da representatividade (Diniz, 2007, p. 21-22).

Pelo critério de representatividade, Diniz examina no Guia: a perspectiva clássica de Hans J. Morgenthau (Politics Among Nations); Kenneth Waltz (Theory of international politics); John J. Mearsheimer (The tragedy of great powers politics); Christopher Layne e William Wohlforth.

d) Capítulo 1 (p. 28-41) O realismo clássico de Hans J. Morgenthau

De acordo com Diniz, a posição realista mais influente do realismo (por um bom tempo) foi a de Hans J. Morgenthau. Adiante, Diniz problematiza a “cientificidade” de Morgenthau:

Por exemplo, a ideia de que um “natural desejo de dominação que as pessoas têmumas sobre as outras”, seja um elemento constitutivo da “natureza humana” parece proceder basicamente de concepções filosóficas como, por exemplo, as de Nietzsche, e não de pesquisas contemporâneas do domínio de Psicologia, nem mesmo da Psicanálise – que pareceria fundamentar algumas das posições de Morgenthau, como a da identificação entre o indivíduo e a “nação”. Desse ponto de vista, a obra de Morgenthau se insere claramente na vertente dita clássica (ou tradicional, segundo alguns de seus oponentes e detratores) da Teoria das Relações Internacionais (Diniz, 2007, p. 28-29).

Diniz explicita nesta seção (capítulo 1) os seis princípios básicos de Morgenthau; estabelece quatro distinções entre poder e influência; entre poder político e força; poder utilizável e poder não utilizável; poder legítimo e poder ilegítimo; conceitua Poder Nacional; trata da balança de poder e diplomacia. É um rico e minucioso capítulo acerca das principais ideias, pensamentos e categorias analíticas tratadas por Morgenthau.

e) Capítulo 2 (p. 42-77) O realismo estrutural de Kenneth N. Waltz

Diniz apresenta nesta seção acerca da impactante obra de Kenneth Waltz “Theory of International politics” na discussão sobre a Balança de poder. Diniz compara a obra de Waltz a de Morgenthau e considera: “Waltz assenta-se sobre uma discussão bem mais rigorosa de filosofia de ciência e de critérios de científicidade – a que ele dedica os quatro primeiros capítulos” (Diniz, 2007, p. 42).

Diniz aborda sobre Waltz as seguintes ideias e pensamentos: sistemas; estruturas e unidades; o sistema internacional, balanças de poder e comportamento dos Estados; poder e comportamento dos Estados; multipolaridade, bipolaridade e os efeitos da anarquia; e uma análise final sobre a obra de Waltz.

Diniz reconhece a portentosa obra de Waltz ao “gerar hipóteses empíricas passíveis de teste, gerou vários trabalhos teóricos e empíricos em Relações Internacionais” (Diniz, 2007, p. 75). Diniz volta a comparar nesta parte final a obra de Waltz e Morgenthau. E comprehende que a obra de Waltz não sofre de diversas ambiguidades da obra de Morgenthau. Diniz finaliza o capítulo abordando os trabalhos históricos que enfrentaram a teoria waltziana e que puseram dúvidas sobre a consistência de suas proposições.

Em vários aspectos, as dúvidas parecem proceder de certa confusão conceitual, ou certo descuido quanto, por exemplo, à distinção entre o que vale para grandes

potências e o que é possível a Estados muito pequenos. Entretanto, há pelo menos uma situação que – embora frequente e, pelo menos em muitos casos, tenha levado à sobrevivência dos atores envolvidos – é contrária ao prescrita pela teoria waltziana da balança de poder. Trata-se da situação em que determinados Estados (em uma região) se aliam a potências (extra regionais) aparentemente mais poderosas que uma outra potência (na mesma região dos primeiros), ou seja, a eficácia, para a sobrevivência dos atores, de um comportamento que, segundo Waltz, seria caracterizado como *bandwagoning* (Diniz, 2007, p. 76-77).

f) Capítulo 3 (p.78-99) intitulado O realismo ofensivo de John J. Mearsheimer

Diniz apresenta nesta seção acerca do realismo ofensivo de John J. Mearsheimer. Para os realistas ofensivos, a estrutura internacional gera incentivos para obter poder às custas dos demais. “Potências satisfeitas (status quo powers) são raras: maximizar seu poder relativo é a maneira ótima de maximizar sua segurança” (Diniz, 2007, p. 78). A sobrevivência determina o comportamento agressivo dos Estados. E é evidente que as grandes potências disputam se tornar o hegemônico do sistema. Diniz apresenta cinco premissas da estrutura do sistema internacional: a) o sistema internacional é anárquico; b) grandes potências possuem capacidade militar ofensiva e, possivelmente, destruir umas às outras; c) os Estados nunca podem ter certeza sobre as intenções alheias; d) a sobrevivência é o objetivo fulcral das grandes potências; e) grandes potências são atores racionais.

Diniz problematiza esses cinco traços característicos ao longo do capítulo. Outro ponto marcante é sobre o poder parador da água: balanças regionais e hegemonia. Uma premissa importante é que há um comportamento dominante para garantir a própria segurança: maximizar poder.

Na seção seguinte, Diniz problematiza as estratégias para a sobrevivência dos Estados (aumentar o poder de um Estado) de acordo com Mearsheimer: guerra, chantagem, incitamento oportunista, sangria. Diniz explicita outro aspecto da obra de Mearsheimer na contenção de um agressor: balanceamento, transferência de custos ou buck-passing. E por fim, Diniz pondera na obra de Mearsheimer sobre dois cursos de ação que devem ser evitados pelos Estados pois geralmente implicam diminuição da própria capacidade de um Estado em garantir sua própria sobrevivência: bandwagoning, apaziguamento/appeasement.

Na seção final, Diniz apresenta as balanças de poder – regionais ou globais, sistêmicas que podem assumir diversas configurações: bipolaridade, multipolaridade equilibrada, multipolaridade desequilibrada.

g) A discussão da unipolaridade (p. 100-116)

Neste brevíssimo capítulo, Diniz aborda acerca dos autores que defendem duas claras e distintas posições sobre a unipolaridade: que essa seria um fenômeno passageiro, e inevitavelmente dará lugar à multipolaridade; e outra que afirma que a unipolaridade tende estruturalmente à estabilidade.

É um capítulo que apresenta dois autores de cada corrente. Christopher Layne que considera a unipolaridade como apenas um momento , “um interlúdio geopolítico que dará lugar à multipolaridade; e Wohlforth que considera a unipolaridade como estável, em que o principal Estado é dominante economicamente e militarmente.

h) Questões controversas (p.117-133)

O último capítulo apresenta num voo panorâmico alguns pontos controversos que, às vezes, são apresentados como críticas mais genéricas às abordagens realistas: teoria de política internacional versus teoria de política externa, os pressupostos de racionalidade e unidade, o papel das instituições internacionais.

i) Conclusão (p. 134-135)

O objetivo do livro de Diniz é “apenas orientar o leitor quanto ao debate”. Não substituindo a leitura e o diálogo com cada autor aqui apresentado: Morgenthau, Waltz, Mearsheimer, Layne e Wohlforth. É um breve guia que pode ser um auxílio a leitores e leitoras quanto à organização de seu aprendizado das distintas abordagens realistas.

Sobre a autoria

José Renato Ferraz da Silveira

Doutor em Ciências Sociais (Política) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor Titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

jreferraz@hotmail.com

Contribuição de autoria

José Renato Ferraz da Silveira: concepção, elaboração do manuscrito, redação.

Financiamento (se houver)

Não se aplica.

Consentimento de Uso de Imagem

Não se aplica.